

# APRESENTAÇÃO

## COMPANHEIROS DE VIAGEM

Na cronologia que abre a biografia dedicada a Walter Benjamin (1892-1940), Momme Brodersen informa que, em 1968, durante uma das ocupações das instalações acadêmicas, os estudantes renomearam temporariamente o Instituto de Estudos Germânicos, da Universidade de Frankfurt, chamando-o Walter Benjamin Institut<sup>1</sup>. A Universidade de Frankfurt abrigava, desde os anos 1930, o Instituto de Pesquisas Sociais (*Institut für Sozialforschung*), liderado por Theodor W. Adorno (1903-1969), com o qual Benjamin mantivera relações simultaneamente amistosas e tensas. Em 1968, situação similar se reproduzia, já que, enquanto Adorno chamava a polícia para expulsar os jovens invasores, Jürgen Habermas (1929), já então filiado àquela escola, valia-se das conquistas estudantis para formular suas teses sobre o papel revolucionário desempenhado pelas novas gerações<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Cf. BRODERSEN, Momme. *Walter Benjamin. A Biography*. Trad. Malcolm R. Greene e Ingrida Ligers. London; New York: Verso, 1996, p. XVI.

<sup>2</sup> Cf. HABERMAS, Jürgen. Técnica e ciência como “ideologia”. In: BENJAMIN, Walter; HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W.; HABERMAS, Jürgen. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril, 1975 (Col. Os Pensadores, v. XLVIII)

Contudo, é com Benjamin que os estudantes se identificam, na onda da redescoberta dos escritos de um autor que começara a redigir seus ensaios no começo da segunda década do século XX, quando contava cerca de vinte anos, mas que tivera sua carreira acadêmica abortada pela mesma Universidade de Frankfurt, onde fora rejeitada sua tese de habilitação à posição de livre-docente. Mais adiante, com a ascensão do nazismo e, em 1933, com a tomada do poder por Adolf Hitler (1889-1945), Walter Benjamin é de novo vítima das circunstâncias, condição que o acompanha até a morte, por suicídio, na tentativa de fugir ao avanço do Terceiro Reich, que, em 1940, derrotara implacavelmente a França e conduzia judeus, comunistas e opositores aos campos de trabalho, como era o caso daquele intelectual alemão.

Em vida, Benjamin teve oportunidade de publicar uma pequena parte de suas pesquisas, como a tese de doutorado sobre o conceito de crítica da arte no Romantismo alemão e o estudo sobre o romance *As afinidades eletivas*, de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832). Tradutor de Marcel Proust (1871-1922), crítico literário, autor de peças radiofônicas, Benjamin foi aos poucos divulgando sua produção, que, contudo, apareceu de modo disperso e fragmentário sobretudo em periódicos, revistas científicas e prefácios a livros, como os depois renomados “A obra de arte na época de sua reprodução mecânica” e “O narrador”, ambos de 1936. Uma grande parte de seus textos permaneceu inédita, contando-se entre esse grupo as preciosas “Teses sobre filosofia da história”, além do livro das *Passagens*, trabalho que ocupou largo período de sua vida.

É por volta dos anos 1960 que se intensifica a recuperação desse valioso espólio, ainda que as primeiras edições póstumas tenham aparecido em 1942, quando o Instituto de Pesquisas Sociais, agora sediado no exílio norte-americano, lançou um volume *in memoriam*, em que se inclui o ensaio “Sobre o conceito de história”, título dado às já mencionadas “Teses sobre filosofia da história”. O divisor de águas, contudo, localiza-se quase 25 anos depois, quando, por outras razões, o Instituto de Pesquisas Sociais, agora também conhecido como Escola de Frankfurt, está em evidência, negativamente por causa da atitude repressora de Adorno, que tanto lhe custou depois, positivamente em razão da popularidade de outro intelectual associado ao grupo, Herbert Marcuse (1898-1979), então professor na Universidade da Califórnia.

Walter Benjamin nunca foi um frankfurteano, nem, se fosse vivo, compartilharia inteiramente as teses de Marcuse, utópicas e até certo ponto otimistas. Mas a

associação no início foi inevitável<sup>3</sup>, mesmo porque um dos ensaios primeiramente divulgados, “A obra de arte na época de sua reprodução mecânica”, abordava um dos temas prediletos do grupo – a sociedade industrial, a cultura de massas, a percepção do objeto artístico nesse novo contexto. Por sua vez, o fato não impediu que se desenvolvessem estudos específicos sobre aquele autor. Esses trabalhos tomaram, da sua parte, distintas direções, dependendo das orientações teóricas dos pesquisadores, pois, dada a variedade de temas e questões enfrentadas pelo pensador alemão, havia fatias de Benjamin para todos os gostos.

Tal versatilidade poderia sugerir falta de unidade no pensamento e nas preocupações do escritor. A impressão é falsa e injusta: há profunda coesão nas ideias de Benjamin, haja vista que tópicos que são objeto de reflexão em seus anos de juventude – como seus conceitos de linguagem ou de alegoria, por exemplo – reaparecem, sem ruptura aparente, em ensaios da maturidade. Por outro lado, Benjamin, adepto da modernidade e da alegoria, e avesso à noção totalitária de símbolo, recusa-se a construir um sistema articulado, em que as partes convergem para um centro, constituindo um todo homogêneo.

A elaboração por fragmentos, ainda que tenha custado a *Habilitation* em Frankfurt, já que se mostra de modo cabal em sua tese, *A origem do drama barroco alemão*, de 1925, é seu grande achado, e o autor nunca abriu mão de seu modo particular de refletir sobre as manifestações da cultura humana. A poética do fragmento coaduna-se com a figura de estilo que privilegiou – a alegoria, formação compósita que pode expressar um todo graças à soma de suas partes, mas que recusa uma visão globalizadora de mundo, harmônica e centrípeta, própria à manifestação simbólica.

Há, pois, inegável coerência entre os modos como Walter Benjamin pensa e escreve sobre o real e a cultura. Pela mesma razão, pode abordar assuntos aparentemente diversificados e distantes, desde que eles o levem a diagnosticar os problemas de civilização moderna e o destino – revolucionário ou não – da sociedade europeia e da arte de seu tempo.

Um livro que se organize em função dos temas que preocuparam Benjamin ao longo de sua vida produtiva, entre aproximadamente 1915 e 1940, ano de sua morte, teria necessariamente de levar em conta a composição em mosaico das inquietações

<sup>3</sup> Cf. por exemplo o livro de José Guilherme Merquior, *Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*, publicado no Brasil em 1969.

do filósofo alemão. É o que se constata nos ensaios que se seguem, que examinam tópicos variados – a teoria sobre a linguagem em geral e a linguagem humana, a particular compreensão das tarefas do tradutor, as teses sobre a história, o narrador, a violência e o trauma, o debate sobre a natureza e o enfraquecimento da aura, a recuperação memorialista da experiência vivida em Berlim, cidade de uma infância definitivamente sepultada pela tomada de poder dos nazistas – mas que não deixam de remeter a um único autor, fonte emanadora e disseminadora de todos eles.

A diversidade dos assuntos e dos enfoques não impede a articulação entre eles, de onde nasce sua congruência e legitimidade. Este livro, consagrado a Walter Benjamin, é, também ele, benjaminiano, qualificando-o como profundamente representativo das ideias e dos ideais do filósofo alemão. É igualmente produto das *afinidades eletivas* que associam os ensaístas a seu objeto e que os associam entre si, já que resultado do trabalho continuado de um grupo de estudo que, com desvelo, se dedica a desvendar as sendas labirínticas, mas não incoerentes, do universo conceitual de Benjamin.

Os ensaístas, por sua vez, merecem uma manifestação à parte: pertencem a duas gerações de jovens pesquisadores, uma delas já firmemente postada em programas de pós-graduação, outra emergente, mas igualmente comprometida com investigações originais e instigantes.

Em algum momento da vida, a maioria deles cruzou com minha história pessoal: foram alunos ou estiveram sob minha orientação por ocasião da elaboração de suas dissertações e teses de mestrado e doutorado, com produções em que, desde o começo, revelavam seu grande talento para a pesquisa, a escrita e a inovação. As ideias e as conclusões que aqui expressam são inteiramente de sua lavra; mas sinto-me gratificada de, pelo menos por algum tempo, ter sido companheira de suas frutíferas viagens intelectuais.

REGINA ZILBERMAN